

# A roda como método de aprendizado do movimento com pessoas com deficiência visual: o papel dos relatos de campo na pesquisa-intervenção

*The circle of movement like a learning method with visually impaired people: the role of field reports on intervention research*

Laura Pozzana<sup>1</sup>  
Virgínia Kastrup<sup>2</sup>

### RESUMO

Partimos da consideração de que não é natural que o corpo da pessoa cega e com baixa visão seja tenso e rígido. A partir de uma Oficina de Corpo, Movimento e Expressão, que acontece semanalmente desde 2007 no Centro de Convivência do Instituto Benjamin Constant, através de uma mobilização sensível de modo grupal, produzimos a ativação de articulações, a criação de território existencial e a produção de confiança no mundo. Este artigo tem como objetivo mostrar como, a partir do acompanhamento do processo da oficina e do registro das atividades em relatos de campo, o manejo da oficina associado ao manejo da pesquisa resultou na criação de uma metodologia de trabalho e na construção de conhecimento. A pesquisa utiliza o método da cartografia (PASSOS et al., 2009, e PASSOS et al., 2014), que é um método de pesquisa-intervenção que envolve a criação de um campo, de um corpo comum.

Palavras-chave: Orientação e Mobilidade (OM). Corpo. Deficiência visual. Pesquisa-intervenção.

---

1 Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e instrutora do Sistema Río Abierto. É pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos (NUCC). É autora do livro *O corpo em conexão* (Editora da UFF, 2008) e tem diversos artigos publicados. Dedicar-se a temas como corpo, arte, clínica e deficiência visual. Desde 2007, coordena uma Oficina de Corpo, Movimento e Expressão no Instituto Benjamin Constant (como voluntária e também pesquisadora), prática que deu origem à sua tese de doutorado, *Movimento sensível e vital: uma oficina articulando a cegueira com o mundo*, defendida em 2013. E-mail: laura.pozzana@gmail.com.

2 Doutora em Psicologia Clínica (Pontifícia Universidade Católica-SP) e professora titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq na área de Psicologia Cognitiva. Publicou *A invenção de si e do mundo* (Papyrus, 1999; Autêntica, 2007) e *Políticas da cognição* (em coautoria com Kastrup, Tedesco e Passos, Sulina, 2008). É uma das organizadoras de *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (Passos, Kastrup e Escóssia, Sulina, 2009), *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (Passos, Kastrup e Tedesco, Sulina, 2014), *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual* (Moraes e Kastrup, Nau, 2010) e diversos artigos em livros e revistas. Suas pesquisas se articulam em torno do tema da invenção, com desdobramentos sobre aprendizagem, atenção, arte e deficiência visual. Foi coordenadora, juntamente com Guilherme Vergara, do projeto "Encontros Multissensoriais no Museu de Arte Moderna do Rio" (2011-2013). E-mail: virginia.kastrup@gmail.com.

## ABSTRACT

We started from the consideration that it is not natural for the body of the blind person or people with low vision is tense and rigid. From a Body Workshop, movement and expression, held weekly since 2007 in Benjamin Constant Institute, through a sensitive mobilization group so produce the activation of joints, creating existential territory and reliable production in the world. This article aims to show how, from the monitoring of the workshop process and the documentation of activities in field reports, we realize how management workshop associated with the management of research had the effect of creating a work methodology and the construction of knowledge. The research uses the Cartography method (PASSOS et al., 2009, e PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014), which is a method of intervention research involving the creation of a field, a common body.

Keywords: Orientation and mobility. Body. Visual Impairment. Research-intervention.

## 1. Introdução

Desde maio de 2007 realizamos a Oficina Corpo, Movimento e Expressão com um grupo de pessoas cegas e com baixa visão no Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro. A princípio, tratava-se de uma atividade voluntária, oferecida àquelas que integravam o Centro de Convivência do Instituto. Em 2010, porém, passou a ser tema de nossa pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Partimos da consideração de que não é natural que o corpo da pessoa cega e com baixa visão seja tenso e rígido. O objetivo foi investigar como a mobilização sensível, quando realizada de modo grupal, produz a ativação de articulações, a criação de um território existencial e a produção de confiança no mundo.

O caminho metodológico se faz com pessoas com deficiência visual, e não para elas (MORAES e KASTRUP, 2010). A pesquisa utiliza o método da cartografia (PASSOS et al., 2009, e PASSOS et al., 2014), um método de pesquisa-intervenção que envolve a criação de um campo, de um corpo comum. A cartografia não é um método a ser aplicado, e sim inventado no contínuo acompanhamento de processos (POZZANA DE BARROS e KASTRUP, 2009). A metodologia de investigação não se separa de uma dinâmica de campo de pesquisa. Pesquisamos com implicação, cabendo, aqui, fazer referência a Lourau (1993): “Quando falamos em implicação com uma pesquisa, nos referimos ao conjunto de condições da pesquisa” (p. 16), condições políticas, econômicas, culturais etc., em sua dimensão objetiva e também subjetiva, macro e micropoliticamente. O termo *implicadas* se refere a um *pathos* que convoca a atenção para um

campo que nos toca, atrai, envolve e perturba. Somos pesquisadoras de um campo que nos fez interessadas nele, ao ativar em nós aspectos a serem desdobrados e compartilhados. A pesquisa se fez com a oficina e envolveu a análise de seus efeitos.

O texto de Paul Veyne, "Foucault revoluciona a história" (1978), indica que seu método consiste em desviar os olhos dos objetos naturais para perceber as práticas. A atenção se volta para as práticas, para as relações, para o que se faz efetivamente. Cada instante é raro. "A afetividade, o corpo, sabe mais que a consciência" (VEYNE, 1978, p. 197). Quando experimentamos algo, estamos dentro de uma paisagem: há uma atmosfera local, os afetos são suscitados, participamos do que sentimos, afirmando e estranhando o momento presente.

Donna Haraway (1995) apoia-se na metáfora da visão para fazer uma crítica a certa concepção masculina da ciência, que distancia o sujeito conhecedor-controlador de seu objeto. Devolvendo o olhar ao corpo, e não considerando um olhar que tudo vê de lugar nenhum, defende o conhecimento que se dá com uma objetividade corporificada, produzindo saberes locais e sempre parciais. Se o saber é localizado, ocorre a partir de um lugar, e esse lugar de onde se fala, se sente e se faz é abertura, abertura de sujeitos e territórios. Estamos no meio das coisas, *in medias res*. Nessa mesma direção, o objetivo do presente artigo é mostrar como, a partir do acompanhamento do processo da Oficina de Corpo, Movimento e Expressão e do registro das atividades, percebemos como o manejo da oficina associado ao manejo da pesquisa teve por efeito a criação de uma metodologia de trabalho e a construção de conhecimento.

Os relatos de campo ocupam lugar de destaque na metodologia de nossa pesquisa. A escrita dos relatos busca acessar a experiência concreta e examinar os efeitos das práticas em nós. Com eles, acompanhamos a oficina em sua feitura. Os relatos procuram trazer fatos e afetos, encontrando relevância nas falas soltas e nas atitudes que fazem andar ou cessar o movimento. Tomando o corpo em sua capacidade de agir articulado com os afetos, referimo-nos aos participantes desta pesquisa por seus nomes, como pessoas cegas e com baixa visão, e não como deficientes visuais. Esse tema envolve uma discussão mais ampla, denominada *Disability Studies*. Uma pessoa se torna efi-

ciente e deficiente segundo a forma pela qual é articulada em certas práticas.<sup>3</sup> Com Marcia Moraes (2010), ressaltamos a importância de ter presente que ninguém é deficiente em si mesmo. O uso dos nomes reais é fruto de uma construção com os participantes: ao pedirmos que eles assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de nossa pesquisa, registrada no Comitê de Ética Anna Néri da UFRJ, eles próprios dizem que querem que seus nomes façam parte do trabalho.

## **2. In medias res: somos e fazemos uma rosa-roda**

*11 de maio de 2012. Cheguei e a sala estava trancada. Estranhei. No primeiro andar, encontrei uma moça simpática que está sempre por ali fazendo ginástica com uma mulher cega e outro dia guiava uma bicicleta de dois lugares. Ela me deu a chave da porta.*

*Instalei o som e logo chegou a Marlene com o Jota, seu marido. Ela falou que, para ser pontual, não tinha lanchado. “E aí, não vai passar mal?”, pergunto, já que é assim que ela costuma justificar seus atrasos eventuais. Ela diz que tinha passado mal na semana passada, mas foi da barriga, e não por causa da diabetes. Tião e Alfredo chegam em seguida, achando que eu não estava lá. Eles também estavam sendo pontuais, algo cuja importância eu tinha sinalizado para Adriana e Cristiane, assistentes sociais, que trabalham no Centro de Convivência. Logo chegaram outros e outros, até que a barra estava cheia. Suely, que era nova ali, chegou dizendo que ia ver como era aquela aula. Eu disse que ali o perceber era de dentro, participando. Ela topa. Apresento a sala a ela, levando-a comigo. Coloco-a na barra e digo pra todos aproveitarem para sentir o contato dos pés com o chão em lugares diferentes. Ela entra na atividade e outros vão também. Alguns conversam e o clima é calmo.*

*Augusto, estagiário da pesquisa/oficina, não iria, pois acordara passando mal. Juliana, outra estagiária, ainda não havia chegado quando começamos a fazer uma grande roda. Ao som de Marisa Monte nos movemos docemente: “O céu vai*

---

3 Remeto o leitor ao trabalho de Martins (2006) e Moraes (2010).

*tão longe e está perto, o céu fica em cima do teto... o céu serve a todos, o céu ninguém pode pegar". Ouço Lorena falar com alguém ao seu lado: essa aula é gostosa demais, fundamental!*

*Fazemos a nossa chamada-chamado, procedimento inventado cujo objetivo é chamarmos em voz alta nossas próprias presenças através de nossos nomes enunciados na roda. Naquele dia, fizemos isso usando um tom médio, nem alto nem baixo, falamos nossos nomes, e fomos ecoados pela roda. Assim, ao mesmo tempo anunciamos grupalmente quem está presente, compondo a atividade do dia. Éramos ao todo 23 pessoas. Fazemos uma segunda rodada com os nomes e sinto meu corpo vibrando todo com os diferentes sons. Ao final, sugiro que cada um sinta como seu corpo vibra. Silêncio e pausa para perceber o que se dá em nós. O clima é concentrado nessa hora.*

*Articulamos joelhos e tornozelos. Acompanho-os soltando minhas mãos da roda, percorrendo a sala e me aproximando deles. Depois falo para fazermos o percurso pelas articulações, como um scanner, de cima para baixo. Pontuo: cabeça, pescoço, ombros, axilas, cotovelos, punhos, dedos, costelas, cintura, bacia, virilhas, joelhos... Coloco a música e ressalto alguns pontos do caminho para passarmos pelas articulações mais ou menos juntos. Foi ótimo! Usei Yann Tiersen, da trilha sonora de Amélie Poulain.*

*Depois, ainda em roda, indico para irmos pra frente, entrando na roda, e depois para trás, recuando, saindo. Fazemos sem música e depois com música. Andar com fé, Gilberto Gil. Movemo-nos também nas laterais. Dançamos e cantamos.*

*Como a roda está muito grande, falo para fazermos duas, uma dentro da outra. Coloco Uakti, Dança dos Meninos e proponho algo novo, que já havia pensado fazer numa conversa anterior com Juliana e Augusto: os participantes poderiam conduzir o movimento. Pergunto alto que região do corpo eles sentem que precisam mover mais naquela hora. Alguns dizem cabeça e muitos dizem bacia. Acho curioso. Como Mirian tinha sido uma das pessoas que falou bacia, peço para ela conduzir. Ela mostra acanhamento na proposta, mas logo embarca. Logo passo a bola para o Zé Carlos, que também falou alto. Depois Lorena, que prefere não fazer... passo para Luis... Foi ótimo!*

*Coloco Andrea Boccelli. "Se tu fosse nei miei occhi per un giorno, vedresti la bellezza che, piena d'alegria, io trovo dentro gli occhi tuoi, magia o realtà... Se tu fossi nel mio cuore per un giorno, potresti avere un idea di c'io che sento io quando mi abbracci... Respiriamo insieme." Ao terminar, Eronides pede para fazer algo também. Respondo que sim e ele diz: "Vou falar uma poesia da rosa e vamos fazer o movimento da seguinte forma: a roda de dentro vai pra esquerda e a de fora vai pra direita". Um maestro! Ele fala frases simples e nós as repetimos, como pede. Fala da rosa, da flor que criamos ali e de uma flor que fazemos com o peito. Dedicava essa rosa para as mães. É véspera do Dia das Mães, eu nem havia lembrado. Ao terminar, Sérgio pede pra recitar um poema também. Lindo, não lembro bem, mas é no mesmo clima. Reparo Eronides chorando lindamente, rosado, um pouco recolhido, mas com uma espécie de sorriso de emoção. Depois o Luis fala um verso e Wanderley, ao final, pede a palavra. Diz que, quando nasceu, não tinha mais mãe. "Aliás, ela sempre existiu, mas ele não teve a chance de conhecê-la." Completa dizendo que lembra dela em cada mulher, em cada encontro que tem com uma dama.*

*Foi emocionante, agradeço internamente essa lembrança. Minha mãe vive também naquilo que faço. Ao escolher esta música italiana, minha língua materna, pensei no que a letra conta: "Se você estivesse nos meus olhos por um dia, veria a beleza que, cheia de alegria, eu encontro nos teus olhos, magia ou realidade... Se você estivesse no meu coração por um dia, poderia ter uma ideia daquilo que sinto quando você me abraça... Respiramos juntos". Isso me remete às pessoas que amamos, que já morreram e vivem através de nós. Lembro da cegueira, do não ver e do ver pelos olhos do outro. Ao continuar a ouvir a música, penso sobretudo como esse gesto, o convite de ser habitado pelo outro, não se refere tanto ao olho, ao olhar, e sim ao que nos é próprio, singular. E com a rosa-roda também sinto no peito algo que conta de uma relação amorosa, concreta, generosa. A letra da música e a rosa que criamos com a regência de Eronides falam de um dar-se ao outro, do dar nascimento, conascer, conhecer e fazer corpo com.*

*Este dia a oficina foi diferente, e está cada vez mais encorpada. Ressalto que faz tempo que, ao final, ninguém agradece a Deus, ninguém faz uma oração, mas o*

*agradecimento se faz presente no sentir a si e ao outro, na roda, na emoção, na flor, no sorriso e no silêncio. Por um instante, lembro de algo que tenho observado e de um momento que aconteceu no mês anterior. Ao final de uma oficina, Zé Carlos, sentindo a força gerada grupalmente, rege nossas presenças. Pede para que canalizemos a energia mobilizada e criada ali para o coração de um companheiro amargurado, que atrapalhava os encontros do grupo da Convivência. Pergunto em voz alta que nome poderia ter essa força gerada. Penso no amor e, ao mesmo tempo, dois deles dizem amor.*

*Eles estão se apropriando mais de nosso trabalho coletivo e criando com o que acontece.*

Escolhemos começar por esse relato por alguns motivos: 1) gostaríamos que o leitor entrasse em contato com a experiência que o produz; 2) buscamos descrever uma prática em curso, de modo que as múltiplas ações presentes nos façam conhecer a produção de relações; 3) apostamos numa argumentação conceitual associada à descrição de um processo de construção, intervenção e investigação; 4) o relato apresenta diferentes temas que, tomados no recorte de um dia, estão ligados a ações presentes e, tomados no tempo (costurados com outros), estão ligados à construção de *um* mundo comum, de um *nós*; 5) sentimos que precisamos começar por meio das coisas, *in media res*, com fatos e encontros; 6) na pesquisa, há algo em comum entre o que é necessário para os participantes e para os pesquisadores, há um corpo comum, criado na prática por cada um; 7) produzir um texto é correr riscos, o texto é como um corpo entre outros; 8) a pesquisa é *poiesis*, e a oficina se faz conhecimento, produz conhecimentos; 9) encorpamos e incorporamos juntos; 10) apostamos na pesquisa feita como a rosa-roda, com o florescimento para o outro e de cada um.

Os relatos de campo são fortes instrumentos numa pesquisa-intervenção. Nelles, anotamos fatos – como o número e o nome dos participantes –, bem como impressões, cenas, falas, pensamentos, dinâmicas, aspectos objetivos e subjetivos. Com os relatos, também registramos acontecimentos, como a criação inesperada da rosa-roda. Aprendemos e criamos com eles. Podemos dizer que eles são os principais aliados e

mediadores no discernimento daquilo que se passa e importa à investigação. Latour afirma que o laboratório de pesquisa se faz com textos, e não com janelas pelas quais o pesquisador observa um campo e defende que devemos escrever relatos arriscados (2008, p. 177). Nessa direção, trazemos para o primeiro plano o próprio fazer dos relatos. O que nos faz fazer nos faz também escrever estando no meio das coisas.

### **3. A oficina**

A Oficina Corpo, Movimento e Expressão foi criada a partir do desejo de colocar em prática uma formação no Sistema Rio Aberto em ressonância com outra, em Psicologia. No início, havia, de modo ainda difuso, uma intuição: uma prática regular com pessoas com deficiência visual – cegos e com baixa visão – poderia ser fértil no cultivo de cada um, na produção de conhecimento e na ampliação de mundo para todos nós.

Quem participa da oficina são pessoas que integram o Centro de Convivência do Instituto Benjamin Constant, ligado à Divisão de Orientação e Acompanhamento (DOA). A Convivência, como é chamada usualmente no feminino, é definida como um espaço de troca e sociabilidade para as pessoas com deficiência visual que já passaram por um processo de reabilitação. A Convivência foi uma saída criada pelos usuários do IBC, pessoas que não enxergam ou estão perdendo a visão, para dar continuidade aos dois anos vividos na Reabilitação, na qual frequentam diferentes atividades: aprendizagem da leitura e da escrita Braille, Orientação e Mobilidade (OM), Atividades da Vida Diária (AVD), entre tantas outras, como cerâmica, música, tapeçaria, psicologia grupal e massagem. Na Reabilitação, muitos fazem amigos, aprendem novas práticas e sentem o Instituto como um novo território existencial, mesmo passando por momentos difíceis. Assim, ao saírem da Reabilitação, entram para o Centro de Convivência e seguem vinculados ao IBC. Aos poucos, vão cultivando certa autonomia nas escolhas e nas atividades oferecidas, em sua maioria, por voluntários. Algumas dessas atividades são coordenadas por alunos da Reabilitação, pessoas que aprenderam ali e se disponibilizam para ajudar outras pessoas. É o caso de Eronides, que se alfabetizou aprendendo Braille ao frequentar a Reabilitação no momento de perda da visão e,

hoje, dá aulas de Braille. E de José Carlos, com baixa visão, que se tornou monitor da oficina de cerâmica. Outras atividades são coordenadas por profissionais que se oferecem como voluntários, sem retribuição financeira pelo trabalho. Muitos já trabalham no IBC há anos, enquanto outros passam pouco tempo ali. As atividades oferecidas são: cerâmica, música, tapeçaria, costura, Braille, além de outras como inglês, espanhol, canto, fisioterapia, alongamento, psicomotricidade, teatro e a oficina de movimento e expressão, chamada, simplificada, pela maior parte de “Expressão Corporal”. As pessoas se matriculam na Convivência anualmente e se inscrevem nas diferentes atividades, por escolha própria.

Nesses oito anos de oficina ainda em curso, 56 pessoas passaram por ela. A idade dos participantes varia dos 40 aos 70 anos. Em sua maioria, são idosos. Alguns pararam por um período e voltaram, enquanto outros que pararam às vezes voltam para dar um oi e contar algo. Outros seguem como participantes desde o início. Os encontros, que, em média, reúnem 16 pessoas, acontecem nas sextas-feiras pela manhã, na sala dos espelhos, no segundo andar do prédio da Educação Física, e têm uma hora de duração. No primeiro ano, em 2007, a oficina acontecia uma vez por mês; em 2008 e 2009, duas vezes; em 2010 e 2011, três vezes; e em 2012, tivemos encontros semanais. É relevante dizer que, nos primeiros anos, a frequência era oscilante. Algumas vezes fazíamos encontros com quatro ou cinco participantes e não sabíamos quantos esperar, porém, atualmente, é raro acontecer uma atividade com menos de 15 pessoas. É curioso apontar ainda que hoje, muitas vezes, os participantes comentam que a atividade deveria acontecer mais vezes por semana.

Desde 2011, temos estagiários de Psicologia trabalhando na oficina. Eles participam, são mais gente na roda, auxiliam nas questões práticas – como chegada, instalação do som e saída – e também fazem relatos de campo. Esses relatos servem para sua formação de jovens pesquisadores, como aprendizagem de escrita e acompanhamento da oficina. Os relatos são discutidos nas reuniões de pesquisa e são peça-chave para a identificação e a elaboração das questões emergentes.

A oficina é inspirada nas práticas do Sistema Rio Aberto, escola de origem argentina fundada nos anos 1960 por Maria Adela Palcos, que trabalha no sentido de

despertar a presença de cada um e abrir espaços para a expressividade dos afetos.<sup>4</sup> Por meio da prática corporal, busca-se criar condições de convergência entre aquilo que se sente e se pensa e aquilo que se faz, ou seja, entre experiência e ação, entre experiência e movimento. O que está no horizonte é uma ampliação das conexões de cada um consigo mesmo e com o mundo.

#### **4. Corpos rígidos, corpos articulados: em busca da mobilidade**

Na abertura de uma apostila organizada pelo Programa Nacional de Apoio à Educação de Deficientes Visuais (2002), destinada à formação de professores para a disciplina de Orientação e Mobilidade (OM), lê-se: “A mobilidade é considerada como a maior de todas as perdas na cegueira e pode ser definida como a habilidade da pessoa deslocar-se intencionalmente da posição em que se encontra, para uma outra desejada, reagindo a estímulos internos e externos”. A referência às perdas resultantes da cegueira não deixa de colocar problema, já que as práticas de OM são indicadas também para quem nunca enxergou e, portanto, para quem não perdeu a visão.

Laughlim (1971), Stanford (1975) e Castro (2006), ao tratar do aprendizado da Orientação e Mobilidade, ressaltam que existe, muitas vezes, uma inatividade física nas pessoas com cegueira ou baixa visão, seja pela pouca curiosidade de explorar o espaço, seja pelo medo do desconhecido e também pela superproteção que muitas pessoas recebem de familiares e das pessoas próximas. Nessa direção, a mobilidade física é uma via importante para a maior autoatualização e para o sentido de autonomia (CASTRO, 1986). Entendemos que o termo *inatividade* indica pouca experimentação. Se uma mãe, para proteger sua filha cega, caminha com ela colada ao corpo, muito provavelmente a menina é levada pelo mundo e não experimenta ativamente as nuances entre equilíbrio e desequilíbrio, entre uma passada e outra, entre o parar e o iniciar um deslocamento. Se uma criança não brinca com objetos e com outras crianças, se não interage no espaço, movimentos básicos como aquele de pegar e dar, empurrar e puxar, abaixar e pular, entre outros, não são realizados e conhecidos. Podemos

---

4 Conf. PALCOS, Maria Adela. *Del cuerpo hacia la luz*, Buenos Aires: Kier, 2011.

dizer que o campo da deficiência visual precisa de práticas que expandam o trabalho da OM, que incluam, nesse aprendizado do corpo pelo espaço, a experimentação do próprio corpo no alargamento do próprio mundo.

A literatura sobre deficiência visual aponta que a mobilidade espacial é um grande problema, talvez o maior deles, para as pessoas, de algum modo, marcadas pela cegueira. Como a visão é importante no apoio corporal, na estabilização da postura vertical e do movimento, a cegueira traz problemas no deslocamento motor no espaço (HATWELL, 2003; PEREIRA, 1989; CROCE e JACOBSON, 1986; BARBER e LEDERMAN, 1998). Esse problema se apresenta muito claramente na circulação dos cegos pela cidade. Nota-se um corpo que constantemente se protege do perigo, caminha de forma contraída e defendida. Mesmo sem a presença concreta de algo ameaçador, o corpo parece ficar em posição defensiva, apreensiva, parecendo pouco articulado, rígido e tenso.

No desenvolvimento postural e motor, é comum a presença de contrações, como pescoço e coluna endurecidos, cabeça que pende para baixo ou testa voltada para cima, pernas e braços pouco flexíveis. Para que o indivíduo ganhe mobilidade, um trabalho atento precisa ser desenvolvido e ganhar corpo. Em outras palavras, o corpo precisa ganhar articulações. Articulações no próprio corpo, como o movimento dos joelhos e dos cotovelos; articulações entre corpos, com as coisas e as pessoas; articulação com o solo, com o território material e existencial; articulação com ideias e no interior da própria linguagem. Desse modo, pensamos também que, por meio de certas práticas que trabalham nessa direção, alguns problemas existenciais podem ser tocados e mobilizados, como medo, desconfiança e sensação de dependência, às vezes profunda e até mesmo absoluta.

Não se trata aqui de pensar o corpo que o cego possui separado de suas relações, nem a cegueira como sinônimo de falta de visão. Amparados pela noção de corpo de Bruno Latour (2007), interessamo-nos pelo corpo que é articulado com a capacidade (a ação) de afetar e ser afetado. Em relação às pessoas cegas e com baixa visão, interessamo-nos pelo corpo em conexão com aquilo que o constitui e o acompanha em ação (POZZANA DE BARROS, 2008). Nesse sentido, o problema do corpo toca diretamente o problema da produção de subjetividade.

O conceito de subjetividade, ao qual se acopla à ideia de produção – tal como pensado por Michel Foucault (1982, 1985, 1988), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997, 2011) –, afasta-se da concepção de sujeito cartesiano, cujas repercussões se fazem sentir na Psicologia ainda nos dias atuais. Ao contrário do sujeito fixo, as subjetividades estão em constante transformação e têm relação direta com o território histórico e afetivo que habitam. Por ser sempre coletiva, a subjetividade é o efeito de agenciamentos, o resultado de encontros e entrecruzamentos de signos os mais diversos possíveis. O sistema de pensamento cartesiano que opera dicotomias é substituído, dessa forma, por um sistema que privilegia as articulações e ressonâncias. Partimos do entendimento de um corpo que não se separa de um modo de vida e de um plano de produção de si e de mundo. O corpo é entendido como abertura ao mundo e, ao mesmo tempo, ação. O corpo na oficina e na pesquisa é como o diário de campo em que são registrados os afetos de um processo de subjetivação. É preciso voltar a ele, lê-lo, escrever e inventar com ele. O corpo age e sofre efeitos. Ele mesmo é um efeito das práticas que o engendram. Nesse sentido, afirmamos que a subjetividade é corpo.

Com Descartes, a cultura ocidental aprendeu a separar uma substância extensa de outra pensante, o corpo do espírito, a objetividade da subjetividade, e a subjetividade foi excluída das investigações científicas. Somente os dados objetivos, observáveis e registráveis puderam configurar objetos de estudo por meio de experimentos neutros e exteriores ao objeto. Protocolos de Psicologia científica buscavam eliminar qualquer traço de subjetividade. Segundo Claire Petitmengim (2010), essa prática de afastamento da experiência subjetiva na pesquisa tem repercussão no domínio clínico. Não é possível tratar de modo afastado, objetivo, sem qualquer interesse sobre a subjetividade daqueles que sofrem. Se assim agirmos, a pessoa será privada de qualquer ação autônoma em seu próprio processo de cura e tratamento.

Francisco Varela (2003), entre outros, dá uma importante contribuição para a ciência ao considerar a subjetividade e a interação contínua entre corpo e espírito. O funcionamento da mente é inseparável da ação sensório-motora e emocional do corpo. A mente tem relação direta com o ambiente, não se situa na cabeça. Reconhecer “a inscrição corporal do mente” (VARELA, 2003) é não se contentar em observar compor-

tamentos exteriores, deixando de lado o estudo da experiência humana. Para Petitmengin (2010), o estudo científico contemporâneo da experiência humana permite dizer que a distinção entre corpo e espírito é muito menos rígida do que parece: “Existem zonas de nossas experiências onde esta oposição se reduz ou mesmo desaparece. É nestas zonas de reconciliação entre corpo e mente que parecem acontecer os processos terapêuticos” (p. 3).

## 5. Fazer com, pesquisar com

Na implementação da Oficina de Movimento e Expressão do IBC, havia a aposta de que, com uma prática regular baseada no Sistema Rio Aberto, poderia haver ganho de articulação, ampliação de conexões e expansão de territórios existenciais. E isso no duplo sentido: para cegos, pessoas com baixa visão e também para nós. Ou melhor, nos múltiplos sentidos: para a pesquisa, para a própria oficina, para o IBC, para a Psicologia, para o Rio Aberto e, quem sabe, para outras práticas que lidam com a vida – *um* corpo no mundo. Podemos dizer hoje, com mais segurança, após anos de uma pesquisa ainda e sempre em curso, que a prática que desenvolvemos na oficina com pessoas cegas, como outras práticas grupais que buscam reduzir mecanicidades, despertar presenças e abrir espaço para a expressividade dos afetos, incide no plano de transformação (criação) da vida e engendra corpo no mundo, corpo e mundo. Ao dizermos *sempre* em curso, fazemos referência a uma posição em relação ao conhecimento e à experiência humana que considera um condição de inacabamento do ser humano, de estarmos sempre *em obra*. O ganho de articulações corporais é também ganho de articulação com o mundo, expansão de território existencial e ganho de confiança. Isso é material e tangível, isso é imaterial e transportável, isso somos nós, você e o que nos liga.

A construção do trabalho da oficina passou por uma aprendizagem coletiva (POZZANA, 2010). Damo-nos conta de que, entre nós, entre todos, a proposta e o som, o planejamento e o acontecimento, a chegada e a roda, a chamada e a presença, os acasos e os pedidos em agenciamentos múltiplos criaram uma oficina. Com os encontros repetidos e renovados, um grupo se fazia entre toques e se revelava como apro-

priação daquele espaço, sorrisos e agradecimentos. Algo espiritual, porém muito concreto e tangível, nos inspirava a seguir e a querer fazer mais com eles. Daí brotou a tese de doutorado, defendendo que a mobilidade convocada e exercitada pela prática corporal grupal inspirada no Sistema Rio Aberto, de modo não utilitário, abre-se para uma experimentação de si, do espaço e de afetos que produz corpos mais articulados e sensíveis (POZZANA, 2013).

Nos primeiros anos, tivemos a impressão de que a prática não era tão potente no sentido de criar questões e problematizar aqueles corpos que pareciam dizer e articular pouco. Não tinham questões? Será que a condução não era tão potente assim? Ninguém se expressava emocional e verbalmente, ninguém tinha *insights*. Em nós, havia o desejo de entender como intervir mais naqueles corpos. Mas havia também a convicção de que o fato de eles voltarem e quererem mais era um bom sinal. Como rastrear essas impressões de modo concreto?

A aposta foi fazer junto, comover e pesquisar com os participantes, com o grupo, com cada um e levar a sério os acontecimentos da oficina. Ao tratar da inseparável construção de um campo de pesquisa e atuação, destacamos a importância que os relatos de campo têm nesta investigação. Eles foram preciosos no rastreio dos efeitos práticos. Foi com eles que pudemos detectar e implementar movimentos *com* a cegueira, e não *para* ela. Nos relatos, percebemos diversos momentos em que um modo de agir e perceber vidente era deficiente para conduzir uma atividade com pessoas cegas. Foi o que aconteceu quando nos esquecemos de apresentar o espaço da sala, quando não consideramos que tirar os sapatos, deixar as bolsas e as bengalas de lado não seria algo trivial. Também apareceu nos relatos de que não conseguíamos decorar o nome dos participantes, surgindo, então, a ideia da *chamada-chamado*. O mesmo se deu quando deparamos com a dificuldade de usar música e indicar movimentos corporais, quando propúnhamos algo novo e ficávamos com a impressão de não termos sido claras, quando gaguejávamos para buscar palavras adequadas ou para não indicar nada que convocasse a visão, por exemplo. Os relatos traziam à memória uma situação concreta, em que um silêncio, um tropeço e um aparelho de som estragado, por exemplo, convocavam uma atitude sensível capaz de aprender com os acontecimentos e criar com o que se apresentava. Partimos da consideração de que a cegueira

e a baixa visão engendram corpos rígidos na lida com um mundo perigoso. Tais corpos são produzidos, não são naturais, assim como o mundo não é perigoso em si mesmo. Eles ficam com pouca mobilidade ao não serem articulados (como acontece com o pescoço, a coluna, os joelhos, os tornozelos, por exemplo) e principalmente com a tensão da movimentação pelo espaço que se faz ameaçador quando não se pode contar com o uso da visão, que antecipa objetos e encontros, como buracos no chão, placas, carros e outras pessoas.

Com Francisco Varela (1996), entendemos que os pares corpo-rígido e mundo-perigoso são frutos de práticas, de hábitos, que podem sofrer transformações. Com uma atenção aberta e um corpo disponível, é possível que os acasos e os encontros interroguem hábitos automatizados e façam passar à vida. A suspensão de nossos modos automatizados, do saber instituído e que paralisa a vida, se dá no encontro entre corpos, na prática e, no caso desta pesquisa, pode ser rastreada nos relatos de campo, no próprio pesquisar em processo de criação do campo e da pesquisa. A intervenção da oficina tem efeitos clínicos ao produzir confiança no mundo. Essa é uma indicação do caminho que a pesquisa segue hoje.

A prática de pesquisa é, assim, também um gesto clínico e político – pensamentos corporais em jogo –, e pode ser feita de múltiplos modos, desde que associada aos problemas locais e singulares que insistem em fazer passar a vida.

## REFERÊNCIAS

BARBER, P. O. e LEDERMAN, S. J. "Encoding Direction in Manipulatory Space and the Role of Visual Experience", *Journal of Visual Impairment & Blindness*, p. 99-106, mar. 1988.

CANGUILHEM, G. *O conhecimento da vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CROCE, R. V. e JACOBSON, W. H. "The Application of Two Point Touch Cane Technique to Theories of Motor Control and Learning Implications for Orientation and Mobility Training", *Journal of Visual Impairment & Blindness*, p. 790-793, jun. 1986.

DELEUZE, G. *Abecedário...*

- \_\_\_\_\_ e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997, v. 4.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011, v. 1.
- FOUCAULT, M. "Os intelectuais e o poder". In \_\_\_\_\_. MACHADO, R. (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982, p. 69-78.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1988.
- HARAWAY, D. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.
- LATOUR, Bruno. "Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência". In \_\_\_\_\_. NUNES, J. A. e ROQUE, R. (orgs.). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 40-61.
- \_\_\_\_\_. *Rensamblar lo social: una introducción a la teoría actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- MARTINS, B. S. *E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2006.
- MORAES, M. "PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual". In MORAES, M. e KASTRUP, V. (orgs.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010, p. 26-51.
- MORAES, M. e KASTRUP, V. (org.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- PALCOS, M. A. *Del cuerpo hacia la luz: el Sistema Río Abierto*. Buenos Aires: Kier, 2011.
- PASSOS, E. et al. *Pistas para o método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.
- PEREIRA, L. M. "Caracterização do desenvolvimento psicomotor da criança cega ou com visão residual segundo várias perspectivas". In \_\_\_\_\_. *Educação especial e reabilitação*, 1989, v. 1, p. 24-30.

PETITMENGIN, C. La neuro-phénoménologie: quels enjeux thérapeutiques? Disponível em: [www.instituttibetain.org/cms/uploads/bestanden/ub2010/Intervention%20de%20Claire%20Petitmengin.pdf](http://www.instituttibetain.org/cms/uploads/bestanden/ub2010/Intervention%20de%20Claire%20Petitmengin.pdf), 2010. Acesso em dez. 2012).

POZZANA DE BARROS, L. *O corpo em conexão: Sistema Rio Aberto*. Niterói, EdUFF 2008.

\_\_\_\_\_. "Oficina de movimento e expressão com pessoas com deficiência visual: uma aprendizagem coletiva". In \_\_\_\_\_. MORAES, M. e KASTRUP, V. (orgs.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010, p. 76-95.

\_\_\_\_\_ e KASTRUP, V. "Pesquisar é acompanhar processos". In PASSOS, E. et al. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 52-75.

SPINK P. K. "Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista". In \_\_\_\_\_. *Psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro, n. 15, v. 2, p. 18, jul.-dez. 2003.

SPINOZA. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VARELA, F. *Ética y accion*. Chile: Dólmen/Granica, 1996.

\_\_\_\_\_, TOMPSON, E. e ROSCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VEYNE, P. "Foucault revoluciona a história". In \_\_\_\_\_. *Assim se escreve a História*. Brasília: Ed. UNB, 1992.

---

Recebido em: 17.1.2016

Aprovado em: 4.3.2016